



DICAS E CONSELHOS PRÁTICOS PARA A DIVISÃO DOS AFAZERES DOMÉSTICOS, 1960/1970

Camila Parente da Costa

Graduada em História pela Universidade Federal do Ceará. Mestranda em História pela Universidade Estadual do Ceará. Email: camila.parente@globocom

RESUMO: O presente artigo toma como objetivo principal desenvolver um estudo acerca do entendimento dos manuais de comportamento/guias *Biblioteca do Lar*, *Enciclopédia do Lar e da Arte Culinária* e *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, sobre a divisão, entre os membros da família, dos afazeres domésticos na esfera doméstica, na sociedade brasileira, 1960/1970. Durante a década de 1960, a mulher era pensada para o reduto do lar, e sua felicidade era associada ao casamento, maternidade e afazeres domésticos. As prendas domésticas eram de fundamental importância para que a mulher fosse considerada uma boa dona de casa. Busca-se problematizar as implicações que essas atividades cotidianas teriam no relacionamento da família, especialmente entre marido e esposa. Seria a mulher a única associada aos afazeres domésticos ou poderia contar com a ajuda do marido e filhos para realizá-los? Será abordada, também, a utilização dos manuais de comportamento/guias como fonte para o campo da pesquisa histórica. Os guias práticos designados essencialmente para o público feminino, contendo temáticas relacionadas ao âmbito doméstico e relacionamento com a família e consigo mesma, apresentam-se como uma fonte para o campo da pesquisa histórica visando analisar o processo de construção da relação entre a mulher e o ambiente da casa, na segunda metade do século XX, no Brasil. A sua leitura pode auxiliar a compreensão de quais eram os comportamentos, os valores, a educação, esperados para o sexo feminino e o sexo masculino, na sociedade brasileira, na referida época.

Palavras-chave: Mulher. Afazeres Domésticos. Guias.

INTRODUÇÃO

As atividades domésticas – que “podem variar de acordo com a posição de classe da mulher” (FARIAS, 1983, p. 78) –, as quais as mulheres estariam encarregadas de cumprir, envolviam o preparo/escolha de alimentos, a limpeza da casa e do vestuário, o cuidado com marido, filhos, idosos e doentes.

Kofes (2001) ressalta que a atribuição da execução dos afazeres

domésticos é entendida como feminina. Apesar de ser uma experiência vivenciada por algumas¹ mulheres, as relações que nela se estabelecem apresentam diferentes sentidos, entre eles, a distinção entre dona de casa e dona da casa.

¹ FARIAS (1983) aponta que é possível encontrar mulheres que vivenciem situações diversas à apresentada como ideal: a mulher como dona de casa, esposa e mãe.



Conforme a mencionada autora, a dona da casa é a mulher que tem com a família, no reduto do lar, relação de mãe, esposa e dona de casa; a qual contrata o serviço de outra mulher – dona de casa – para executar as tarefas domésticas. Ambas são entendidas como donas de casa, responsáveis pelo cumprimento/organização dos afazeres domésticos; todavia, a relação estabelecida entre elas, a despeito do referido “ponto em comum”, marca diferenças entre as mesmas, por conta do lugar que ocupam no doméstico.

“[...] não há apenas diferenças. Há um valor desigual nestas diferenças. Este valor desigual irá se mostrar também nos hábitos, nos arranjos espaciais e nos objetos, na intensa preocupação com a limpeza da empregada, na linguagem, nas concepções e na corporalidade.” (KOFES, 2001, p. 35)

Dessa forma,

“O doméstico (como categoria) é então, estratégico. Pois, além de remeter a um lugar e a seu funcionamento, refere-se tanto às relações familiares quanto às relações de outra ordem que nele se desenrolam.” (KOFES, 2001, p. 86)

Observa-se, concomitantemente, a desvalorização do trabalho doméstico, onde Koffes (2001) questiona: o trabalho doméstico é desvalorizado por ser uma atividade relacionada essencialmente ao sexo feminino? Ou o trabalho doméstico é desvalorizado por ser realizado em âmbito doméstico? Ou, ainda, o trabalho doméstico é

desvalorizado por ser doméstico e feminino?

METODOLOGIA

Chartier (s/d) ressalta que a leitura pode originar significados diversos para quem está lendo determinado livro (por exemplo), em decorrência de fatores como faixa etária, finalidade e expectativas depositadas no texto. Concomitantemente, a forma como o livro chega ao seu leitor também interfere no seu modo de entender o que ali está escrito. A exemplo dos guias, fontes de pesquisa desta monografia, é interessante questionar: foram comprados? Foram dados? Qual é o objetivo dessas respectivas ações? Qual é o perfil do(a) leitor(a)? Quem está lendo o guia está interessado no seu conteúdo como um todo ou somente em partes específicas, como as dicas para organizar a casa?

Esses pontos auxiliam o entendimento da importância em não pensar a leitura como portadora de um significado único, uma vez que um mesmo guia, no caso, pode provocar diferentes sentidos, em diferentes indivíduos. Dessa forma, é interessante atentar para as relações que podem ser construídas em torno de um mesmo guia, tais como: leitor e guia, autor e



guia, leitor e autor, autor e autor, leitor e leitor.

“Por um lado, a leitura é prática criadora, actividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livro [...] Por outro lado, o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada.” (CHARTIER, s/d, p. 123)

Enquanto o leitor pensa seus próprios significados durante o ato da leitura, simultaneamente, o autor e/ou os envolvidos no processo de criação/construção de um guia buscam enquadrar esse mesmo leitor dentro de contornos que contem seus objetivos.

“[...] são considerados todos os envolvidos no mundo da escrita: autores, editores, livreiros, impressores, críticos, leitores, espectadores. Todos tomam parte no processo de construção do sentido, entendido tanto numa perspectiva histórica quanto sociológica.” (CHARTIER, 2003, p. 12)

Os guias práticos designados essencialmente para o público feminino, contendo temáticas relacionadas ao âmbito doméstico e relacionamento com a família e consigo mesma, apresentam-se como uma fonte para o campo da pesquisa histórica visando analisar o processo de construção da relação entre a mulher e o ambiente da casa, na segunda metade do século XX, no Brasil. A sua leitura pode auxiliar a compreensão de quais eram os comportamentos, os valores, a educação, esperados para o sexo

feminino e o sexo masculino, na sociedade brasileira, na referida época, onde é possível perceber a coexistência de conflitos dentro do mesmo espaço, articuladas a demandas e contextos sociais (LUCA, 2012, p. 465).

Nessa perspectiva, é interessante observar questões como: de que modo está sendo erigido o discurso pretendido pelos guias? A quem ele é destinado? Como é construído o embasamento das propostas? Qual(is) poderá ser a intenção de propagar tais valores? Dessa forma, é interessante observar os manuais de comportamento/guias, das décadas de 1960/1970: *Biblioteca do Lar*, *Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária*, e *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*.

Convém, neste momento, fazer uma breve ressalva acerca do formato dos três guias trabalhados. *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar* possui um formato de livro de bolso, com tamanho reduzido e espessura fina. Devido às suas dimensões, é facultado à mulher a escolha do seu transporte, por exemplo, dentro da bolsa, a qualquer lugar e consultá-lo quando o momento for propício; depreende-se, dessa maneira, o anseio do mencionado livro em ser "o companheiro da mulher" em



todos os momentos. Já *Biblioteca do Lar* e a *Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária* apresentam um formato de 23,5cm x 16 cm, com capa dura e espessura grossa. Devido às suas dimensões, infere-se, que a sua utilização seria para consulta no próprio lar, uma vez que suas proporções colocam certa dificuldade para a mulher carregá-los dentro da bolsa, por exemplo.

Tanto a *Biblioteca do Lar* quanto a *Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária* e *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar* buscam se apresentar para as suas leitoras como fundamentais para auxiliar a resolver questões – concernentes a vida doméstica e ao relacionamento conjugal e familiar – do dia a dia da mulher. A procura pela aproximação com o público leitor, pretendida pelos guias, pode ser indício do anseio dos manuais em propagar para o sexo feminino modos de se comportar, de agir e de pensar, nos quais a vida da mulher é circunscrita em âmbito doméstico e dedicada aos cuidados com marido, filhos e casa.

A leitura pretendida pelos três manuais de comportamento intenta que a leitora absorva os conhecimentos

propostos pelo autor e/ou os envolvidos no processo de construção/criação dos mesmos. Além disso, busca-se ressaltar que a leitura do guia apresenta um ritmo mais rápido e prático, e tem a intenção de instruir.

Analisar os guias contribui, entre outros pontos, para que se possa problematizar as motivações que os levaram a propagar certos conselhos – que se pretendiam corretos a serem seguidos – ao público feminino.

De acordo com Gonçalves (2006, p. 110), “a utilização dessa fonte [manuais de comportamento] [...] requer que não se tome o discurso como norma, equívoco presente em várias obras que lançaram mão desse tipo de documentação.”. É preciso atentar para aspectos como os comportamentos alternativos, visto que, entre a indicação de comportamentos e o seu efetivo cumprimento, há distintos posicionamentos em relação ao que é proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Bassanezi (1996), durante a década de 1960 a felicidade da mulher ainda era associada à tríade casamento, maternidade e afazeres domésticos. Os papéis dos homens e mulheres eram nítidos e ambos eram



avaliados pelo o bom cumprimento dos mesmos: o homem deveria prover o sustento do lar e a mulher deveria realizar as tarefas domésticas, cuidar do marido e dos filhos, emocional e fisicamente.

As prendas domésticas eram de fundamental importância para que a mulher fosse considerada uma boa dona de casa. O bom desempenho das mesmas influenciava a harmonia do lar, e englobava aspectos como a limpeza da casa (que deveria ser feita sem incomodar o marido), o preparo de uma boa comida, a preocupação em proporcionar um ambiente organizado e aconchegante para o homem.

A mulher era pensada para o reduto do lar, uma vez que a participação da mesma no mercado de trabalho, conforme Bassanezi (1996), era entendida como perigosa para o cumprimento eficaz dos deveres relacionados à maternidade, ao casamento e aos afazeres domésticos. Quanto mais a mulher tivesse habilidades domésticas, mais valorizada era pela sociedade da época.

A idealização da mulher pela *Biblioteca do Lar, Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária*, e *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*,

convergem para a mesma interpretação. A mulher pretendida por eles apresentava-se pronta para estar ao lado do marido em todas as situações, mesmo que suas opiniões divergissem; zelava por sua boa reputação e aparência; mostrava bom desempenho na execução dos afazeres domésticos. Percebe-se dessa forma que, dentro da família modelo², a mulher ocupava um lugar especial como rainha do lar, o qual reforçava o papel central da família na vida da mulher e, parece claro, sua dependência em relação aos laços conjugais (BASSANEZI, 1996, p. 627).

Conforme Mello (2011), a mulher é a principal associada às responsabilidades da execução dos afazeres domésticos no âmbito do lar. Segundo Bruschini (1990), o trabalho doméstico é entendido como atributo essencial do papel feminino. A possibilidade de fazer parte do mercado de trabalho ou de contratar³ ajuda de outra mulher para os serviços da casa, não isenta o sexo feminino do cumprimento das atividades diárias, seja “compensando” o período fora de casa

² De acordo com BASSANEZI (1996), o modelo de família dominante é a conjugal, nuclear, com poucos filhos.

³ “[...] a essa outra mulher, a contratada, que no geral tem sua própria casa, se acumulam duas jornadas de trabalho (ambas domésticas)” (MELLO, 2011, p.60)



umentando as horas de trabalho com as tarefas domésticas seja administrando o lar, a fim de garantir o bom funcionamento do mesmo. E, mesmo que a mulher se dedicasse exclusivamente ao cuidado com o lar, ainda assim a jornada de trabalho em âmbito doméstico seria longa.

Em relação aos afazeres domésticos, Bassanezi (1996) aponta que não era freqüente que o marido ajudasse sua esposa na realização dos mesmos – ele ficava a cargo de pequenos consertos e/ou tarefas que exigissem muita força física. Caso a ajuda ocorresse, essa não era entendida como obrigação, mas como uma “gentileza”; citando caso análogo ao que acontecia com a ajuda financeira por parte da mulher: não era entendida como obrigatória, e, na maioria das vezes, não era cogitada.

“De modo geral os maridos acreditam que o trabalho doméstico é mesmo atribuição feminina; por isso, quando dividem com as companheiras esses encargos, fazem-no sempre de maneira circunstancial, a título de ajuda ou cooperação. [...] A ajuda do marido, quando a necessidade impõe, é prestada com atitudes semelhantes em qualquer segmento social e pode se dar, nesse caso, em qualquer tipo de atividade.” (BRUSCHINI, 1990, p. 121)

No entanto, apesar de sugerir a colaboração do marido em qualquer tipo de atividade doméstica, se houvesse necessidade, Bruschini (1990) comenta

que, de forma mais freqüente, essa participação é feita em contornos mais seletivos. O homem executaria tarefas dentro do âmbito doméstico que mais lhe apetecessem, a exemplo de atividades com os filhos, o preparo de refeições e o pagamento de contas.

Além da questão da necessidade, outro ponto que influencia a participação do marido nas tarefas domésticas, de acordo com Bruschini (1990), é a sua disponibilidade, medida por intermédio, por exemplo, do tempo que ele passa exercendo atividades remuneradas no mercado de trabalho. Entretanto, ter disponibilidade para executar tais afazeres não significa, necessariamente, que o homem realmente se voluntariasse para realizá-los.

Dessa forma, como aponta Mello (2011), observa-se uma relação desigual

“[...] entre o homem e a mulher dentro de casa, onde, mesmo que ambos cheguem do trabalho no mesmo horário, as obrigações domésticas recaem unicamente sobre a mulher. Essas obrigações domésticas incluem, nesse caso, além dos cuidados com a casa em geral, servir o homem que chegou “exausto” do trabalho.” (MELLO, 2011, p. 64)

Nesse sentido, é interessante observar uma passagem da *Biblioteca do Lar*, a qual enfatiza essa questão da não obrigatoriedade da ajuda do homem nas tarefas da casa. No mencionado



guia é proposto que a mulher solicite ajuda do marido para a execução das tarefas domésticas:

“É óbvio que [a dona de casa] não deve habituar seu marido a depender em tudo e por tudo da sua abnegação; induza-o, desde o início, a cooperar com você. Os afazeres domésticos, alguns dêles pelo menos, não inferiorizam o homem como muitos pensam.” (Biblioteca do Lar, p. 22)

Entretanto, ao mesmo tempo em que apresenta a opção de ser feita a divisão dos afazeres domésticos entre a mulher e o homem, a *Biblioteca do Lar* não isenta o sexo feminino da responsabilidade total e intransferível dos cuidados com a casa:

“Mas as suas atribuições pessoais [da dona de casa] não devem depender do auxílio incessante de seu marido. É obrigação sua, indeclinável, desincumbir-se delas, se não estiver doente ou impossibilitada de executá-las.” (Biblioteca do Lar, p. 23)

A *Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária* também propõe que houvesse divisão dos afazeres domésticos na família (não são especificados quais membros da família deveriam ajudar e nem quais tipos de serviços), especialmente se essa fosse numerosa: “todos ajudam um pouco e ninguém fica sobrecarregada, nem mesmo a dona de casa” (Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária, p. 10).

Todavia, o mencionado guia coloca a responsabilidade total da

organização da casa e do cumprimento das tarefas domésticas para a dona de casa:

“O governo da casa compete à mulher e esta é uma das tarefas mais difíceis, mormente quando se trata de famílias numerosas. Em uma casa organizada há ordem e tranquilidade, nunca desordem e raramente se encontram objetos fora de seus lugares primitivos. Quando não encontramos as coisas nos seus devidos lugares, estes denotam desleixo e falta de capricho da dona de casa que muitas vezes também acarretam a desarmonia dos familiares, que sempre estarão se desentendendo.” (Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária, p. 13-14)

Ou seja, a despeito de sugerir (explicitamente ou não) a participação do homem na execução das tarefas domésticas, “poupando” a mulher de alguns serviços do lar; é ressaltado, pelos dois guias citados, que ela não podia contar com a ajuda do marido para cumprir o seu papel de dona de casa. Infere-se, portanto, que cabia ao homem a decisão de auxiliar ou não a esposa no cotidiano doméstico. Caso o auxílio acontecesse, existiam tarefas específicas para o homem (os guias não especificam quais); caso não, a mulher tinha que se conformar e realizar todos os afazeres sozinha, sem reclamar ou insistir em receber ajuda.

Dicas e Conselhos Práticos para o Lar, por sua vez, adota uma postura um pouco diferente da *Biblioteca do Lar* e da *Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária*. Ao invés de sugerir



que o marido ajudasse nos afazeres domésticos, no capítulo intitulado “Participação da Família” (primeiro volume), cujo enredo é sobre a divisão dos afazeres domésticos, coloca que as crianças é que deveriam assumir essa função: “Não é possível (nem de muita boa política) transformar os maridos, mas está nas nossas mãos orientar melhor as crianças.” (Dicas e Conselhos Práticos para o Lar, primeiro volume, p. 63).

Bruschini (1990) aponta que a presença de crianças no ambiente da casa pode ter significados diferentes para a dona de casa. Ao mesmo tempo em que pode representar trabalho doméstico extra para as mulheres, por terem que dedicar atenção aos filhos em cuidados físicos e afetivos; e influenciar seu ingresso ou não no mercado de trabalho; também pode denotar certa maleabilidade para a dona de casa executar outras tarefas que não fossem, necessariamente, relacionadas ao âmbito doméstico:

“[...] a presença de crianças de certa idade na família pode significar [...] a possibilidade da mulher ir buscar fora do lar melhores oportunidades de trabalho, deixando a uma filha mais velha, por exemplo, a responsabilidade pela casa e até mesmo pelos irmãos menores.” (BRUSCHINI, 1990, p. 82)

No entanto, a leitura dos três volumes de *Dicas e Conselhos Práticos*

para o Lar não demonstra que a intenção da dona de casa em ter ajuda dos filhos nos afazeres domésticos fosse para que ela pudesse procurar oportunidades de uma ocupação remunerada no mercado de trabalho, uma vez que a participação da mulher no ambiente citado não é cogitada pela coleção – apesar de, em algumas passagens, os três volumes apresentarem exemplos de mulheres norte-americanas que tanto trabalham fora do lar quanto executam as tarefas domésticas. Depreende-se, assim, que a despeito de mostrar o exemplo norte-americano, as mulheres brasileiras não eram incitadas a fazer o mesmo.

O mencionado guia ressalta que apesar das mulheres desejarem ajuda dos maridos nas tarefas diárias, eles “têm uma longa e arraigada “falta de prática”, herdada do Homem das Cavernas” (Dicas e Conselhos Práticos para o Lar, primeiro volume, p. 9), para a execução das mesmas. No entanto, o sexo masculino é convidado a participar da elaboração de receitas gastronômicas. Segundo *Dicas e Conselhos Práticos para o Lar*, o espaço da cozinha é associado à mulher, entretanto, o homem deve ser estimulado a participar e “experimentar à vontade” (Dicas e Conselhos Práticos



para o Lar, primeiro volume, p. 9) a arte culinária. A despeito de ser a mulher quem despende mais tempo na cozinha, é o homem quem recebe os maiores e melhores títulos, e os elogios pelo seu bom desempenho na preparação de receitas gastronômicas. Infere-se, dessa forma, que o trabalho na cozinha para a mulher é obrigatório, e para o homem é algo esporádico e digno das mais altas honras.

CONCLUSÃO

Durante a segunda metade do século XX, observa-se no Brasil a luta das mulheres pela conquista de direitos não só sociais e políticos – sendo vista também em fins do século XIX –, mas também por direitos concernentes à sexualidade, ao corpo, à violência contra a mulher, questões do trabalho. “Como exemplos [de luta] podemos citar: o direito de “ter filhos quando quiser, se quiser” –, a luta contra a violência doméstica, a reivindicação de que as tarefas do lar deveriam ser divididas [...]” (PEDRO, 2005, p. 80). Questionava-se a condição de universal que o masculino havia adquirido.

“[...] a grande questão que todas [as participantes dos movimentos feministas] queriam responder [...] era o porquê de as mulheres, em diferentes sociedades, serem submetidas à autoridade masculina, nas mais diversas formas e nos mais diversos graus. Assim, constatavam, não importava o que a

cultura definia como sendo atividade de mulheres: esta atividade era sempre desqualificada em relação àquilo que os homens, desta mesma cultura, faziam.” (PEDRO, 2005, p. 83)

Mello (2011) destaca que, apesar de ser uma responsabilidade entendida como feminina, em seus estudos, não encontrou informações, antes da década de 1970, acerca da problematização do trabalho doméstico pelos movimentos feministas. Após o mencionado período, os fatores que auxiliaram a erigir questionamentos sobre o tema são relativos, entre outros, ao aspecto de clausura com que o trabalho doméstico passou a ser simbolizado, as próprias reviravoltas culturais da época (MELLO, 2001, p. 60)

Nesse sentido, vale salientar a observação de MELLO (2011) sobre a valorização do trabalho doméstico:

“[...] dar visibilidade ao trabalho doméstico não [é] simplesmente porque é um trabalho ruim e o é para as mulheres que o fazem, mas porque é um trabalho importante e necessário para a sociedade, e que precisa ganhar mais atenção e ser reconhecido como trabalho.” (MELLO, 2011, p. 70)

Conforme Mello (2011), a questão da invisibilidade do trabalho doméstico das mulheres é um dos pontos principais para se pensar as condições de trabalho das donas de casa. O fato de não se admitir tarefas como varrer e limpar a casa, cozinhar, cuidar dos filhos, fazer



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

reparo em roupas, na qualidade de trabalho doméstico auxilia “a desvalorização dessas mulheres [donas de casa] e [o surgimento] de ideias como a que acredita que a dona de casa não faz nada.” (MELLO, 2011, p. 73). Bruschini (1990, p. 138) complementa: “[algumas donas de casa enfatizam que as tarefas domésticas aparecem como] um serviço sem finalidade ou compensação alguma, que só aparece quando não foi feito ou foi mal feito.”

Dai a importância, apontada por Mello (2011, p. 73) – citando Danda Prado –, em explicar “que existe de fato uma aprendizagem dos afazeres domésticos, e que a realização das tarefas domésticas exige conhecimentos específicos.”

Fontes

Biblioteca do Lar. Orientação Indispensável à Família. Íside M. Bonini. Supervisão de Dr. Charles J. Fairbanks. São Paulo: Gráfica e Editôra “EDIGRAF” S.A.

Dicas e Conselhos Práticos para o Lar. Volume 1. Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda.

Dicas e Conselhos Práticos para o Lar. Volume 2.

Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda.

Dicas e Conselhos Práticos para o Lar. Volume 3.

Rio de Janeiro: Renovada Livros Culturais Ltda.

Enciclopédia Ilustrada do Lar e da Arte Culinária.

Volume 1. – A Mulher e as Suas Funções no Lar.

7ª edição.

São Paulo: Edições Fortaleza Crédito Brasileiro de Livros S/A, 1974.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistas.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, s/d.

_____. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação.** Tradução: Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FARIAS, Zaira Ary. **Domesticidade: 'cativoiro' feminino?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

KOFES, Sueli. **Mulher, mulheres – identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

LUCA, Tania Regina de. **Mulher em revista**. In: BASSANEZI, Carla (org.); PEDRO, Joana Maria. *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO, Soraia Carolina de. **Uma profissão invisível: Dona de Casa (1970-1989)**. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 7, p. 59-83, 2011.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. *História, Franca*, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Available from
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Jan. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>.

